



Realpolitik ou lacre nas redes sociais?

A política é um jogo de exercício de poder

O Quantas vezes essa semana você esbarrou com uma discussão a respeito das eleições municipais de São Paulo? Em grupos de WhatsApp, redes sociais e quem sabe em rodas de conversa - as pessoas estão discutindo sobre a legitimidade da indicação de Bolsonaro e a possibilidade de Pablo Marçal ser um outsider capaz de derrotar Boulos. Bem, a necessidade de escrever sobre essa circunstância me incomoda de certa forma, pois isso sinaliza que o movimento contracultural e antipetista ainda carece de maturidade para tornar-se um movimento conservador que defende os interesses nacionais. Nas redes sociais as análises equivocadas têm sido constantes, geralmente inebriadas de emoção e um sentimento de injustiça, uma insatisfação clara quanto ao perfil do atual prefeito de São Paulo que recebeu o apoio de Bolsonaro. A insatisfação é compreensível até certo ponto, mas é sinal claro de imaturidade dos insatisfeitos. Se analisarmos friamente, as

instituições públicas têm um peso enorme nas eleições, governos de Estado, prefeituras, gabinetes de secretarias e tutti quanti - essas instituições têm recursos e assessores que terão peso durante o pleito eleitoral. Não é difícil entender onde quero chegar, Nunes era o atual prefeito durante as negociações partidárias, Tarcísio também tem interesse em receber o apoio da máquina pública da prefeitura de São Paulo para a reeleição em 2026 - some isso ao fato de que o PT está apoiando Guilherme Boulos, juntando seis com meia dúzia percebemos que a manutenção do status quo em São Paulo seria benéfica para o bolsonarismo.

Luíla subirá no palanque com Boulos, entregará obras na companhia do candidato - enfim, colocará a máquina pública a serviço do seu indicado, que também gerou insatisfação na ala mais tradicional do PT. As rusgas e insatisfações foram

principalmente com a filiação de Marta no PT para compor a chapa com Boulos, todas expressas por artigos e notas, nenhuma discussão foi parar no metrópoles ou na coluna política do O Globo. Mas o grande diferencial nessa eleição com toda certeza foi a presença de Pablo Marçal, um empresário e coach que apesar do seu histórico complicado conseguiu se viabilizar como "candidato de direita".

Veja bem, para ver em Pablo Marçal um candidato de direita - considerando "ser de direita" um político apto para o voto bolsonarista, é preciso ser bem elástico e ter muita boa vontade. Marçal apresentou um plano de governo simplesmente impossível de executar, e tão perigoso ideologicamente quanto o de Tabata Amaral.

O candidato a prefeito quer digitalizar todos os setores possíveis da prefeitura, processar dados tratando os cidadãos como data

centers ambulantes, pretende criar verdadeiros núcleos de vigilância onde até os caminhões de coleta tem câmeras para se certificar de que o lixo está sendo corretamente descartado (consta na página 28 do plano de governo). Marçal já falou em uso de drones para vigilância da cidade, deixando claro que as pessoas perderiam a liberdade, mas não teriam seus celulares furtados. Me intriga um candidato tão tecnocrático quanto Tabata Amaral ter se viabilizado para o voto bolsonarista, mesmo que o próprio Bolsonaro tenha falado com todas as letras que lhe falta caráter. Não digo que alguém deve votar ou deixar de votar em Nunes, mas não reconhecer a circunstância em que o ex-presidente tomou essa decisão é insanidade pura e simples. A política é um jogo de exercício de poder, não uma competição de discursos ou valores morais - e o instrumento para jogar o jogo não é grilo, mas a razão.